

# IMPORTÂNCIA E PERMANÊNCIA DAS IDEIAS DE SAUSSURE

Darcilia M. P. Simões  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Claudio Artur O. Rei  
(Universidade Estácio de Sá)

## RESUMO

Este artigo tem por meta apresentar uma síntese do percurso seguido por Saussure na sua constituição como linguista e seu construto teórico. Fazer breve revisão de suas principais dicotomias para estimular a leitura do CLG, como leitura fundadora para os estudos linguísticos. Estabelecer uma relação entre o construto saussuriano e algumas propostas teóricas da atualidade, com vista a demonstrar a necessidade de que se conheçam as ideias saussurianas como base para a formação do linguista contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: construto saussuriano; formação do linguista

## Recordar é Preciso

Relembrando palavras de Isaac Nicolau Salum<sup>1</sup>, no Prefácio à 1ª edição brasileira do *Curso de Linguística Geral* [CLG], repetimos suas palavras sobre a permanência de Saussure, muito particularmente no imaginário das ciências da linguagem. Por isso, aplaudimos dedicar-se o volume 34 da *Revista Matraca* a esse monumento científico, conhecido popularmente como o *Pai da Linguística Moderna*, que, ainda que alguns o digam superado, considera-se o CLG leitura obrigatória nos cursos de Letras e Linguística, em especial.

Ferdinand de Saussure, pensador suíço que teve Genebra por

berço, nos idos de 1857, cedo demonstrou sua precocidade. De acordo com Mounin (1973, p. 52-73), o inventor do conceito de *arbitrariedade do signo*, viveu em Leipzig e Berlim por dois anos (1876-1878), mas radicou-se em Paris, onde atuou como Diretor de Estudos na École Pratique de Hautes Études (1880-1891), tendo sido responsável pela formação de quase todos os comparatistas franceses importantes. Tomado, segundo Meillet e De Mauro, por um estado depressivo oriundo da percepção de que as ideias revolucionárias preconizadas no CLG não estariam sendo compreendidas sequer por seus melhores companheiros. Logo, sentiu-se só e desesperado sob a moldura de seu perfeccionismo e de um enorme complexo de frustração, nas palavras de Meillet. O linguista genebrino veio a falecer em 1913, acometido de um câncer na garganta; sobre o qual arrisco dizer que fora um mal construído pelas palavras abafadas e embebidas na tristeza de seu isolamento e da sofrida incompreensão. Esse fim se repete entre os homens geniais ao longo da história das civilizações.

## As Dicotomias Saussurianas e a Fundação da Ciência Linguística

Considerando que a Linguística ganhasse importância entre as ciências sociais que se ocupam do estudo do comportamento de grupos ou de indivíduos em relação a esses grupos (cf. *Carrol*, 1973, p. 127), verificou-se a possibilidade de participação da Linguística como subsidiária à solução de certos problemas sociais. Hoje, a Sociolinguística demonstra a real relevância da análise linguística na descrição de fenômenos sociais, tomando a fala dos grupos como ponto de referência. Nesse aspecto, a contribuição das dicotomias saussurianas é de alta relevância, uma vez que a proposição de estudar-se a língua em perspectiva diacrônica (histórica) ou sincrônica (em um recorte temporal) permitiu que fossem observadas as mudanças sofridas pelos sistemas linguísticos sob a interferência do tempo, do lugar e da distribuição dos falantes pelas camadas sociais. Essa perspectiva de abordagem foi uma das referências para a constituição da ciência da linguagem. Três fases foram apontadas por Saussure como preliminares à constituição da ciência linguística. A primeira fase foi o modelo grego, cuja base lógica voltava-se ao estabelecimento do que é certo ou errado, tinha caráter normativo. A segunda fase configurou-se na proposta filológica, que passa então a buscar a

lição dos textos. Esta era uma perspectiva crítica e buscava fixar, interpretar e comentar os textos, apontando diferenças entre textos de épocas distintas e identificando características da língua de cada autor, além de “decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura” (CLG, p. 7-8). A terceira fase originou-se da descoberta de que as línguas podiam ser comparadas entre si. Jacob Ludwig Karl Grimm identificou que havia mudanças fonéticas entre as línguas de uma época para outra e juntou o estudo histórico ao estudo comparativo, surgindo assim, a *linguística histórico-comparativa*. Entre os comparatistas, destacam-se: William Jones, linguista inglês, que descobriu afinidades formais entre o grego, o latim, o persa e o sânscrito; Friedrich von Schlegel que, a partir de comparações sistemáticas estabeleceu critérios de classificação das línguas, como isolantes (sem flexões), sintéticas (com flexões) e aglutinantes (sequências de unidades pressas); Rasmus Rask analisou diferentes formas de diferentes línguas usando a metodologia comparativa; Wilhelm von Humboldt, que classificou as línguas como isolantes, aglutinantes e flexionais, definiu a linguagem como uma habilidade criadora humana, com caráter universal, e a língua como da capacidade do falante em produzir um número infinito de atos da fala; Humboldt desenvolveu uma abordagem da linguagem e da língua em perspectiva individual e coletiva; Franz Bopp percebeu as relações entre línguas afins, o que poderia tornar-se objeto de uma ciência autônoma.

Das incursões que acabamos de fazer nos domínios limítrofes de nossa ciência, se depreende um ensinamento inteiramente negativo, mas tanto mais interessante quanto concorda com a ideia fundamental deste curso: a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma (CLG, p. 271).

A perspectiva evolutiva caracterizava os neogramáticos, grupo de estudiosos em que Saussure constituiu-se como investigador da linguagem. No âmago dos neogramáticos, desfêz-se a hipótese de ser a língua um organismo que evolui por si (segundo o modelo biológico) e passou-se a ver a língua como um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos.

Ao conhecer a Gramática indiana de Pānini, o linguista genebrino descobre a produtividade do modelo sincrônico, rompe com a tradição dos neogramáticos e começa a edificar sua proposta de uma ciência linguística independente e apoiada em um aparato teórico de base eminentemente sincrônica. Durante a construção de

sua teoria, partindo da discussão da camada fônica da língua, Saussure elabora suas dicotomias, das quais se sobressaem: língua/fala, sincronia/diacronia, significante/significado, arbitrariedade/linearidade, sintagma/paradigma.

Ao investigar a língua, Saussure destaca o seu caráter social, a língua (*langue*), e o seu aspecto individual, a fala (*parole*), traçando assim uma teoria bipartida relativamente ao objeto de estudo da Linguística. Define a linguagem como uma faculdade de que todos os homens, dotados de aparelho fonador, dispõem e procuram usar. Saussure apresenta a *língua* como um sistema, isto é, um conjunto de unidades relacionadas umas com as outras, que se submetem a um conjunto de regras (Françóis 1980: 68). Por sua vez, a fala seria a língua em ação, por meio da qual o falante expressa suas ideias usando o código da língua e o mecanismo psicofísico a seu serviço (CÂMARA Jr., 1986, p. 107). A partir destas duas vertentes da linguagem (*langue/parole*), o linguista suíço vai propor a existência de duas linguísticas: a da língua e a da fala (FRANÇOIS, 1980, p. 69), sendo o estudo desta última considerado secundário (BRONCKART 1995, p. 105). Para Saussure “a língua é, simultaneamente, o objeto e o material da investigação” (CRYSTAL, 1977, p. 101), pois só se analisa a língua fazendo uso dela.

A dicotomia *langue / parole* surge e constitui uma etapa de um percurso que tem como finalidade a autonomia da Linguística como ciência. Por isso, a definição de língua como sistema independente e autônomo visa a, primeiramente, conferir autoridade e unidade ao objeto de estudo – a língua, assim como o estabelecimento de um método, tornando a Linguística efetivamente uma ciência. A partir da visão de língua e fala, Saussure foi levado a identificar o que era interno e o que era externo à língua. Com essa posição, Saussure ensina que para cada enfoque impõe-se um método distinto de análise, logo, a linguística interna é diferente da linguística externa, constituindo, assim, duas vertentes científicas para os estudos da linguagem.

a linguística, eu ousou dizer, é vasta. Em especial ela comporta duas partes: uma que está mais perto da língua, depósito passivo, outra que está mais perto da fala, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que logo se avista, pouco a pouco na outra metade da linguagem (SAUSSURE, *Apud* BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 232).

Seguindo na formulação de sua teoria, Saussure afirma que a passagem do tempo gera dificuldades para as investigações científicas, chegando a conduzir-lhes a por dois caminhos divergentes. De-

terminou, assim, que o que está relacionado com o lado estático é sincrônico; e tudo o que se relaciona à evolução é diacrônico. Em outras palavras, a linguística sincrônica estuda a língua fazendo-a, recortando-a no tempo, portanto, abstraindo os efeitos que o tempo exerce na língua; enquanto a linguística diacrônica estuda a língua e a sua evolução através do tempo.

*Sincronia e diacronia* é uma dupla perspectiva que permite observar uma forma linguística através dos tempos ou situada numa faixa temporal. As heranças grega e comparatista privilegiaram a visão diacrônica, tomando-a como modelo para a descrição do dado atual, do que resultavam descrições distorcidas e normas inadequadas.

Segundo Câmara Jr. (1970, p. 41-43), a essência da linguística sincrônica é a análise interpretativa das formas atuais de uma língua em funcionamento, como meio de representação mental e comunicação social. Portanto, essa perspectiva de análise busca deduzir o estado linguístico com bases científicas, por meio de um método objetivo o par com as demais ciências descritivas.

A originalidade de Saussure foi aplicar o método científico na língua em questão em um determinado ponto no tempo, independentemente de qualquer desenvolvimento histórico. Saussure é o fundador de uma nova língua ou linguística sincrônica, ou interna<sup>2</sup> (BRONCKART, 1995, p. 91). [Tradução livre]

A dicotomia *significante/significado* considera a materialidade fonológica e a potencialidade semântica da entidade tomada como objeto material da linguística: o signo. Definida como uma entidade dupla indissociável que associa um significante a um significado. Nessa perspectiva, o signo pode ser analisado no segundo as unidades mínimas distintas que o constituem – os *fonemas* – ou considerando-se a ideia representada pelo signo – o *conceito*.

Veja-se o exemplo:

---

*casa* /k'a ze/

---

moradia, prédio, edificação

---

espaço decimal

---

vão onde passa o botão

---

Nessa perspectiva emerge outra dicotomia: arbitrariedade/linearidade. O signo linguístico se compõe de um segmento fônico: sucessão de fonemas, por isso considera-se a *linearidade* como uma qualidade característica do signo verbal (ou linguístico). Este segmento, no entanto, não tem qualquer relação com o significado que pretende representar ou abrigar. É justamente essa não relação que constitui a *arbitrariedade* do signo, ou a inexistência de relação entre o significado (conceito, ideia) e o significante (forma material perceptível). A esse respeito, fala-nos Brunot<sup>3</sup>:

**Gritos e palavras.** – O homem se exprime frequentemente, como os animais, por gritos, reflexos ou não, que traduzem suas sensações e seus sentimentos. Alguns são verdadeiros gritos: *Bah! Psiu! Arre!*, outros são palavras: *Para!* Isso acontece muitas vezes com o resto das palavras que assim são empregadas, à força do uso, e são passadas à categoria de gritos. [...] Toda ideia, simples ou complexa, traduz-se por sons, grupos de sons e barulhos, que formam as palavras, signos das ideias: tinteiro, viver, amanhã. (1936, p. 5)

Por último, trazemos à cena o par sintagma/paradigma que caracteriza dois eixos de relações: a) sintagmáticas ou relações em presença, em concomitância, em interdependência; b) paradigmáticas ou relações em ausência, por associação e exclusão.

O sintagma seria a relação de combinação que se estabelece entre dois ou mais signos correpresentados, com intuito de comunicação. Constitui-se por duas formas linguísticas que se combinam de tal maneira que uma é determinante e a outra determinada; assim, a sua principal característica está no elo existente entre os elementos constituintes, subordinando o segundo ao primeiro. Encarado num sentido crescente de grandeza, o sintagma pode ser: lexical (*teia*), locucional (*fio da teia*), suboracional (*O fio da teia da aranha*), oracional (*O fio da teia da aranha é uma armadilha*), superoracional (o sintagma-narrativo é um exemplo desse último caso, como, por exemplo, a história do mito de Aracne), como aponta Bally<sup>4</sup> (1965, p. 102): “qualquer conjunto de signos respondendo à fórmula AZ é dito *sintagma*; assim a frase é um sintagma, como todo grupo de signos maiores ou menores, suscetível de ser reconduzido à forma da frase” (tradução livre).

O paradigma seria o conjunto de formas linguísticas relacionadas entre si por um traço linguístico permanente, o qual funciona

como um denominador comum a todas elas (os paradigmas da flexão verbal, por exemplo). É um conjunto de palavras a serem utilizadas na mesma frase de acordo com o contexto linguístico e extralinguístico.

Vemos, portanto, que o *eixo sintagmático* define-se na presença, na extensão, na contiguidade, por um processo metonímico; o *eixo paradigmático* define-se na ausência, na associação, por um processo metafórico.

Ao dizermos que o *eixo paradigmático* define-se na ausência, na associação, por um processo metafórico, estamos levando em consideração a similaridade, isto é, uma semelhança de comportamento linguístico num determinado grupo social. Podemos observar que essa similaridade viabiliza possíveis trocas entre os/dos elementos que se equivalem ao longo de um eixo vertical de escolhas no qual a presença de um implica a ausência do outro: a escolha se faz necessária, dependendo do que queremos falar ou a que queremos nos referir. Feitas as eleições paradigmáticas, criamos um eixo vertical de nossa fala, no qual outros elementos se combinarão aos já existentes, dando à fala unidades maiores e inúmeras possibilidades ao discurso.

Observamos, então, que uma seleção vertical (paradigmática) poderá viabilizar o surgimento de fenômenos relacionados à *similaridade dos sons*: a rima (*Na lama e na noite **triste** / Aquele bêbado **ri!** / Tu' alma velha onde **existe?** / Quem se recorda de **ti?*** (“Canção do bêbado”, Cruz e Sousa [GONÇALVES. 1982, p. 23]); o *homoteleuto* (igualdade de sufixos ou desinências – *Ela comeu meu coração / **Trincou, mordeu, mastigou, engoliu** / **Comeu** o meu, “Comeu”, Caetano Veloso*); a *anominação* (repetição aproximativa de uma palavra em que se acrescem afixos ou o afixo venha a modificá-la, isto é, palavras derivadas do mesmo radical, como nesse dístico de “Caso Pluvioso”: ***Chuvadeira** maria, **chuvadonha**, / **chuvinhenta, chuvil, pluvimedonha!*** [Andrade: 2004, p. 193]); a *aliteração* (igualdade de sons consonantais num sintagma – ***Rato** / **Rato** que **rói** a **roupa** / **Que rói** a **rapa do rei do morro** / **Que rói** a **roda do carro** / **Que rói** o **carro**, **que rói** o **ferro** / **Que rói** o **barro**, **rói** o **morro** / **Rato** que **rói** o **rato** / **Ra-rato, ra-rato** / **Roto** que **ri** do **roto** / **Que rói** o **farrapo** / **Do esfarrapado** / **Que mete** a **ripa**, **arranca rabo** / **Rato ruim** / **Rato** que **rói** a **rosa** / **Rói** o **riso da moça** / **E ruma rua arriba** / **Em sua rota** de **rato**, Chico Buarque, “Ode aos ratos”); a *assonância* (igualdade de sons vocálicos num sintagma – ***Sou** um **mulato nato** / **No sentido lato** / **Mulato democrático** do **litoral** / **Vem Comigo** no **trem** da **Leste** /**

*Peste, vem no trem / Pra Boranhém*, “Sugar Cane Fields Forever”, Caetano Veloso) etc. Todas essas figuras, de grande relevância na criação poética, são oriundas, isto é, derivam, das automatizações presentes em todo processo de seleção paradigmática referente ao plano da expressão, todas essas figuras se constroem a partir do *paradigma da expressão*.

No entanto, não podemos esquecer-nos de que existem, também, figuras de linguagem (poéticas ou não) que estão associadas aos *paradigmas de conteúdo*, cuja associação se dá por apresentarem, em sua estrutura, um mesmo traço semântico. Ao dizermos, por exemplo, *víbora* associada a uma mulher (*Maria é uma víbora*), pode significar que Maria é uma mulher perigosa, cujas ações podem ser bem traiçoeiras, mas não significa, de imediato, nunca, que Maria seja, de fato, uma víbora, um réptil. Não se percebe, na frase, uma correlação de identidade (Maria igual à víbora), mas uma associação por algum traço de semelhança qualquer (Maria mais ou menos igual a uma víbora) de aspectos entre um termo e outro (a não confiabilidade de Maria, por exemplo). Nesse sintagma, a palavra *víbora* apresenta um sentido conotado, e essa conotação, por ter sido construída como similaridade, é metafórica. Concluimos, então, que a metáfora é, uma figura que se revela dos paradigmas do conteúdo.

Se, por um lado, a metáfora é uma figura “arquitetada” no interior dos paradigmas, a metonímia, por outro lado, é “arquitetada” no eixo sintagmático. Indiscutivelmente, o sintagma é metonímico, mesmo sendo uma unidade discursiva mínima (formada por uma combinação binária), cada uma das partes que a forma é parte de um todo, não se podendo desprezar uma em prol da outra. Os morfemas lexicais, por exemplo, sozinhos perdem a sua significação; uma vogal temática ou uma desinência de gênero, se não estiverem acompanhadas do radical, nada significam; um artigo sem referência a um substantivo não tem valor significativo etc. Vemos, assim, que os elementos que constituem um sintagma não podem estar desassociados, sob pena de perder a sua função.

No ditado popular *ganhar o pão com o suor do seu rosto*, por exemplo, encontramos duas metonímias – pão e rosto –, que se operam pelo processo de substituição da parte pelo todo: *pão* equivale a alimento e *rosto* equivale a corpo. Não desprezamos, contu-

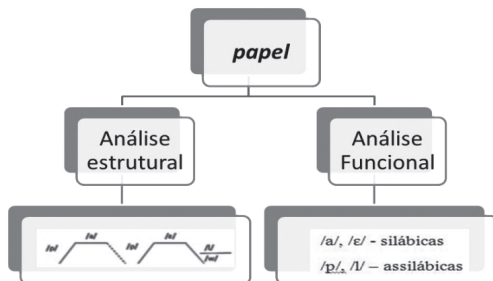


do, a presença de uma terceira metonímia, caracteriza pelo processo do efeito pela causa: o *suor* é o efeito do trabalho, do cansaço. Como podemos observar, a contiguidade que caracteriza a relação sintagmática não se refere apenas à contiguidade dos significantes, mas também à contiguidade de sentido. Destarte, entendemos que o desenvolvimento de um discurso pode ser obtido em duas linhas semânticas: um tema pode levar a outro quer por similaridade (eixo/processo metafórico), quer por contiguidade (eixo/processo metonímico).

Dizem-se interdependentes os membros de um sintagma porque estes se completam mutuamente. Exemplo: *O carro corre*. Essa estrutura se configura como oração a partir da inter-relação entre os termos sujeito – *o carro* – e predicado – *corre*. Suas funções são definidas na relação. As formas *o, carro, corre* tomadas isoladamente não produzem comunicação. Combinadas, abrigam uma informação a transmitir. Ao passo que as mesmas formas se relacionam em ausência com outras da mesma natureza não escolhidas pelo falante para sua comunicação. *O carro corre* é correlato às orações *O veículo se movimenta / O ônibus circula / O caminhão segue* etc. No entanto, a eleição de uma forma e não outra depende da ideia que se quer veicular, pois, embora carro, veículo, ônibus e caminhão pertençam a um mesmo campo léxico, representam ideias distintas de modo que a forma *veículo* – por ser um hiperônimo – pode substituir *carro, ônibus e caminhão*, enquanto estas por suas particularidades não representarem conceitos idênticos. Assim, as combinações podem ser incontáveis, de acordo com a intenção significativa: O (carro, caminhão, barco, navio, trem) transporta (pessoas, areia, pedras, petróleo, carvão).

O método proposto se baseia na oposição, a partir da qual cada forma linguística terá valor e individualidade quando confrontada com outra forma da língua. Essa oposição foi demonstrada inicialmente no plano fonológico, e propiciou indicarem-se duas possibilidades de comparação: a) estrutural – levando em conta a distribuição dos componentes da forma; b) funcional – considerando o papel desempenhado pelos elementos que constituem uma forma linguística.

Ilustrando:



Esse duplo modelo de análise se aplica a todos os planos da língua.

Embora não tenha sido considerada como uma dicotomia saussuriana, a associação entre a noção de valor e as noções de forma e substância se faz necessária nesse percurso do legado do mestre genebrino. A partir da relação entre forma e substância, pudemos entender que o sistema linguístico pode ser definido como um conjunto de formas, que ganham funções ao entrarem a funcionar na fala.

A distinção *forma* et *substância* linguísticas, que foi feita na Linguística moderna por Hjelmslev, diz respeito ao plano da expressão e ao plano do conteúdo, respectivamente. Substância é o que não é forma, isto é, o que não faz parte do sistema de dependências que constituem a estrutura do objeto considerado. Pode-se dizer que a forma independe da substância, mas a recíproca não é verdadeira. Uma forma linguística pode deixar de manifestar uma substância linguística, como por exemplo, quando a ordem das palavras é significativa, mas uma substância linguística, necessariamente, manifesta uma forma linguística. Entendemos, assim, que a forma é a constância numa manifestação e a substância é a variável de uma manifestação.

## O Curso de Linguística Geral

As dicotomias são o eixo da proposta teórico-metodológica de Ferdinand Saussure. Por força de sua deliberada reclusão e de sua entrega ao álcool, o linguista suíço morreu cedo e deixou apenas duas publicações: uma sobre as vogais e outra sobre o sânscrito (sua tese de doutoramento). Dedicado aos estudos e tomado pela tristeza e pela decepção por não ser compreendido pelos estudiosos a sua volta, deixou apenas manuscritos.

Entre 1907 e 1910, Saussure ministrou três cursos sobre Linguística na Universidade de Genebra. O edifício de sua criação mereceu o epíteto *ciência piloto das ciências humanas*, já que passou a ser um paradigma de análise para muitas delas a partir da Antropologia. Esse tesouro ficaria submerso nas tristezas e decepções de seu criador se não fosse a iniciativa ousada de dois de seus discípulos – Charles Bally e Albert Sechehaye – que em 1916, três anos após sua morte, com a colaboração de A. Ridlinger, compilaram os apontamentos de alunos que frequentaram os cursos ministrados por Saussure, antes de exilar-se. Dessa iniciativa resultou o *Curso de Linguística Geral*, livro seminal da ciência linguística.

A perspectiva de abordagem inventada por Saussure a partir de suas descobertas no contato com o sânscrito passou a servir de modelo para as outras ciências e, de algum modo, contribuiu para a gestação do movimento estruturalista. Os investigadores da época viram no CLG fundamentos oportunos e apropriados para alicerçar seus pilares teóricos. Não sabemos se Saussure faz jus ou não à denominação de “pai do estruturalismo”, todavia, a difusão do estruturalismo no caso dos estudos linguísticos teve mais de um berço e o linguista genebrino estava entre eles: a escola de Moscou, a escola de Praga, e os construtos de Saussure.

Em seus postulados, deixa claro que o objeto de estudo é criado a partir do ponto de vista eleito para sua análise (CLG, p. 15). Nesta perspectiva, determina seu objeto de estudo particular e autônomo: a língua considerada em si mesma e por si mesma. Para Saussure, “A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente” (CLG, p. 22). Diferentemente do que alguns afirmam sobre não ter sido contemplada por Saussure a feição social da língua, percebemos que ele tinha total clareza sobre isso, pois afirmava que “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro (CLG, p. 16). É Saussure quem nos diz “O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua” (CLG, P. 33). Esclarece que o linguista “está obrigado a conhecer o maior número possível delas [as línguas] para tirar, por observação e comparação, o que nelas existe de universal. A proposta de isolar as formas para sua análise foi um procedimento metodológico que nos permitiu deitar olhos menos subjetivos sobre o objeto em observação, tomando-o como

uma estrutura passível de decomposição em elementos menores que se reaplicam quando necessário na composição de outras formas. Assim elaborou e demonstrou a tese da dupla articulação da linguagem, que, apesar de todos os avanços da ciência linguística, mantém-se como a base para a descrição das línguas ocidentais, pelo menos.

Saussure sabia das limitações da ciência que criava, considerando o universo de signos que emoldura a vida humana, por isso imaginava a futura existência de uma teoria geral dos signos, a Semiologia, da qual a Linguística seria uma parte específica. A Semiologia se ocuparia de um vasto campo que, além da Linguística, abarcava todos os outros sistemas de signos ou códigos que constituem o mundo em que vivemos. Observemos o que diz Saussure a esse respeito:

[...] a língua é uma instituição social: mas se distingue, por vários traços, das outras instituições políticas, jurídicas etc. Para compreender sua natureza especial, uma nova ordem de fatos precisa intervir.

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e por isto comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é somente o mais importante desses sistemas.

Pode-se pois conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social; ela formaria uma parte da psicologia social e consequentemente da psicologia geral; nós a nomearemos semiologia. (CLG, p. 24)

Vemos, então, que a semiologia é a ciência que estuda os sistemas de signos: linguagens, códigos, sinalizações etc. Essa definição incluirá a língua como parte da Semiologia. Nessa mesma época, o americano Charles Sanders Peirce concebe, do mesmo modo, uma teoria geral dos signos sob o nome de Semiótica:

A lógica, em sentido geral, é, como entendo haver demonstrado, apenas uma denominação da semiótica, a quase necessária ou formal doutrina dos signos. Dizendo que a doutrina é “quase necessária” ou formal, pretendo significar que observamos os caracteres dos signos e, a partir dessa observação, por processos que não tenho objeção a denominar Abstração, somos levados a enunciados eminentemente falíveis e, portanto, em certo sentido, de maneira alguma necessários, relativamente ao que *devem ser*

os caracteres de todos os signos empregados por uma inteligência “científica”... (PEIRCE. 1993, p. 93)

Enquanto Saussure põe o acento na função social do signo, Peirce o põe sobre a função lógica. No entanto, os dois aspectos estão em estreita correlação e as palavras *semiologia* e *semiótica* recorrem, em certo sentido, a uma mesma finalidade: o estudo da vida do signo. Notamos que, desde o princípio do Século XX, existe a proposta de uma teoria geral dos signos, denominada por alguns com o nome de *Semântica Geral*. Somente depois de meio século que a ideia de Saussure foi novamente trazida à tona e um princípio de realização foi iniciado, a ponto de, em 1964, Roland Barthes poder ainda apresentar os *Elementos de Semiologia*, constatando que:

A semiologia ainda não está edificada, e compreende-se, pois, que não possa existir nenhum manual deste método de análise; e mais ainda, porque seu caráter é extensivo – já que será a ciência de todos os sistemas de signos –, a semiologia não poderá ser tratada didaticamente senão quando estes sistemas tiverem sido reconstituídos empiricamente<sup>5</sup>.

Nessas condições, podemos imaginar o quanto se vem batalhando, para dar à ciência dos signos a importância que lhe cabe, pois, de fato, nem mesmo há acordo quanto ao próprio domínio dessa ciência. Alguns, os mais prudentes, encaram apenas o estudo dos sistemas de comunicação por sinais não linguísticos. Outros, na esteira de Saussure, estendem a noção de signo e de código a formas de comunicação social, tais como os ritos, cerimoniais, fórmulas de cortesia etc. e outros, mais ousados, enfim, consideram que as artes e as literaturas são modos de comunicação que assentam no emprego de sistemas de signos relevam eles também de uma teoria geral do signo. São esses os três aspectos da semiologia que se vêm tratando nas últimas quatro décadas. Mas é evidente que se pode também falar de outros tipos de comunicação a que diz respeito a semiologia: a comunicação animal (zoosemiótica); a comunicação das máquinas (cibernética, virtual); a comunicação das células vivas (biônica) etc., ainda que a comunicação linguística continue sendo privilegiada entre as demais, principalmente por ter o status de poder traduzir todos os demais códigos e linguagens. Por isso, na próxima seção, focalizaremos a questão do ensino de línguas.

## Contribuições para a Didática das Línguas

O binarismo que caracteriza a proposta saussuriana vem até hoje prestando grande serviço ao ensino de línguas. Falando como professores de língua portuguesa, podemos afirmar que, embora o projeto de ensino da língua não mais seja pautado pelo normativismo (que dialogaria com a passividade de aquisição presente no CLG), tampouco pela nomenclatura autônoma, despidida de qualquer caráter prático (viés que se articula com o princípio de classificação [CLG, p. 17] — em sentido restrito), a descrição das formas da língua especialmente na perspectiva das *oposições e correlações* facilita o entendimento do que se observa por meio dos níveis *sintagmático/paradigmático*. Para o falante em geral, torna-se mais objetivo apontar funções e valores das formas atualizadas nos enunciados quando confrontadas entre si. Por exemplo, para identificar formas homônimas, basta empregá-las em enunciados como *Quem casa quer casa*, em que o primeiro membro do enunciado — *quem casa* — possibilita a substituição de *casa* (no eixo paradigmático), por qualquer outra forma verbal, como *come, dança, vive* etc. viabilizando assim a identificação da classe gramatical e da função sintática do termo. O mesmo se dá com o segundo membro do enunciado — *quer casa* — no qual a forma *casa* permite sua substituição por *companhia, sossego, abrigo* etc. identificando assim o valor substantivo da forma e sua função de complemento verbal: *quer o quê?* — *casa*. Na mesma linha de raciocínio, identifica-se a estruturação sintagmática pela relação em presença das formas e pela necessidade de “encaixe” entre elas. No eixo sintagmático (ou nível sintático) O enunciado *Quem casa quer casa* se tornaria agramatical porque, na linguagem não literária, não há possibilidade de construção de sintagmas como *Quem enquanto quer casa / Carro casa quer casa / Quem casa sapato casa /*, por exemplo, em que as formas sublinhadas atuam como obstáculos à construção de uma significação para a frase, deixando assim de cumprir a função primordial da expressão: a comunicação.

Essa objetividade pode ser praticada em quaisquer dos planos de análise da língua. No nível fonológico, a identificação das *consoantes e vogais* se torna fácil quando indicada por meio da *posição dos fonemas na estrutura silábica*: vogais são silábicas e consoantes são assilábicas. No nível morfológico, ensinar a *formação de plural* a partir da oposição vocábulos *temáticos e aтемáticos*, viabiliza a assunção do par *-s* (morfema de plural) para as formas temáticas (como *casa, medo, jane-*

la) e *-es* (alomorfe de plural) para formas não atemáticas (dor, cós, sol).

Não pretendemos produzir exemplificação exaustiva, pois não é esse o escopo desse artigo, porém, é preciso destacar a relevância da formulação teórica saussuriana, pois, diferentemente de uma prática social comum que é o abandono das coisas antigas em prol das novidades sem maiores avaliações, na ciência não se pode agir da mesma forma. Assim como somos seres históricos, também é histórica a elaboração e o aperfeiçoamento da ciência. O saber sobre os fatos e fenômenos que emolduram a vida humana demanda um trabalho sério e responsável o qual implica a reflexão sobre os edifícios teórico-filosóficos construídos para buscar aperfeiçoá-los com a meta de propiciar melhores dias para a sociedade.

Ferdinand de Saussure deixou sua contribuição, a despeito de sua escassa publicação, deliberada reclusão e morte prematura. A revolução provocada por suas proposições estimulou alguns de seus discípulos e demais estudiosos a buscar outras fontes e assim chegaram a seus manuscritos. Por isso, ao longo do tempo, vêm chegando novas informações (ou mesmo reparos ao CLG produzido por seus discípulos) sobre o edifício teórico legado pelo linguista genebrino que constituiu a Linguística como ciência.

Reiteramos, portanto, que é indispensável a leitura/discussão do *Curso de Linguística Geral* na formação de pesquisadores e docentes que atuam no campo da linguagem, não exclusivamente das línguas, para que conheçam o legado do mestre suíço para a compreensão da língua como meio privilegiado da comunicação humana, a partir da qual não só é possível identificar grupos, comunidades, nações, como em especial construir-se a cidadania.

## ABSTRACT

This article seeks to present a summary of Saussure's trajectory as a linguist, as well as a synthesis of his theoretical work. It also seeks to briefly touch upon his dichotomies in order to stimulate a close reading of his Course of General Linguistics, as a seminal reading for linguistic studies. Finally the article attempts to establish a relationship between Saussure's work and a number of contemporary theoretical ideas, with a view to demonstrating the need to stress the importance of Saussure's ideas as a basis for the contemporary linguist's development

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia Poética*. 53 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BALLY, Charles. *Linguistique Générale et Linguistique Française*. 4 ed. rev. e corrigida. Berna: A. Francke, 1965.

BOUQUET, Simon, e R. ENGLER. *Ferdinand de Saussure: escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRONCKART, J. P. *Théories du langage: une introduction critique*. 4 ed. Liège: Mardaga, 1995.

BRUNOT, Ferdinand. *La Pensée et la Langue: méthode, principes et plan d'une théorie nouvelle du langage appliquée au français*. 3. ed. . Paris: Masson et Cie, 1936.

CÂMARA Jr., Joaquim M. *Princípios de linguística geral*. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

\_\_\_\_\_. *História da Lingüística*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARROLL, J. B. *O estudo da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CRYSTAL, David. *A Linguística*. 2 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

DELEUZE, Gilles. "Em que se pode reconhecer o estruturalismo? ." In: *História da filosofia*. Vol. 4., por François (org.). CHÂTELET, 257-288. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

FRANÇOIS, Frédéric. *Linguistique*. Paris: PUF, 1980.



GONÇALVES, Aguinaldo José. *Cruz e Sousa. In Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

MOUNIN, Georges. *A Linguística do Século XX*. Porto/Portugal; São Paulo/Brasil: Editorial Presença / Martins Fontes, 1973.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral. Organizado por C. Bally e A. Sechehaye, colab. de A. Riedlinger*. São Paulo: Cultrix, 1974.

## NOTAS

<sup>1</sup> Consultou-se a 6 ed. brasileira, datada de 1974. Cf. p. XIII-XXIII

<sup>2</sup> Texto original : «L'originalité de Saussure a été d'appliquer la méthode scientifique à la langue considérée à un moment donné dans le temps, indépendamment de toute évolution historique. Saussure est donc le fondateur d'une nouvelle linguistique, la linguistique synchronique ou interne. »

<sup>3</sup> L'homme s'exprime souvent, comme les animaux, par des Cris, réflexes ou non, qui traduisent surtout ses sensations et ses sentiments. Les uns sont de vrais Cris: *Bah! Pst! Hop!* les autres sont des mots: *Halte!* Il arrive du reste bien souvent que les mots ainsi employés, À force d'usage, sont passés à l'état de cris. [...] Tout idée, simple ou complexe, se traduit par des sons, des groupes de sons, et des bruits, qui forment des mots, signes des idées : encrier, vivre, demain.

<sup>4</sup> 155. Tout ensemble de signes répondant à la formule AZ est dit syntagme; ainsi la phrase est un *syntagme*, de même que tout groupe de signes plus grand ou plus petit, susceptible d'être ramené à la forme de la phrase.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\\_0588-8018\\_1964\\_num\\_4\\_1\\_1029](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1029). Visitado em 17/05/2014. “La sémiologie restant à édifier, on conçoit qu'il ne puisse exister aucun manuel de cette méthode d'analyse ; bien plus, en raison de son caractère extensif (puisque'elle sera la science de tous les systèmes de signes), la sémiologie ne pourra être traitée didactiquement que lorsque ces systèmes auront été reconstitués empiriquement.”

---

Recebido em 20 de abril.

Aprovado em 2 de maio.